

AGRICULTURA

Produtores de milho garantem que biocombustíveis são rentáveis

Associação diz que os estudos apresentados até agora têm sido tendenciosos

Filipe Paiva Cardoso
filipecardoso@mediainfin.pt

A Associação Nacional dos Produtores de Milho e Sorgo (Anpromis) está a trabalhar na apresentação de um estudo “realizado por entidades ligadas a universidades” sobre a produção de biocombustíveis em Portugal. Luís Vasconcellos e Sousa, presidente da Anpromis, garante que o documento vai ser “apresentado sem censura” e antecipa que os resultados iniciais “demonstram que há de facto ganhos significativos que muitas vezes não são aproveitados, sendo mesmo ridicularizados por alguns sectores ligados à energia”, referiu ao Jornal de Negócios.

Questionado sobre mais detalhes do estudo, o responsável remete para a apresentação do mesmo, ainda sem data marcada mas que deverá ocorrer pós-Verão, e critica fortemente outros trabalhos que têm sido apresentados como justificações para “ataques” aos biocombustíveis. “Há estudos que consideram que o facto de um camião estar afecto à produção do biocombustível compara com um cenário onde não existe o camião. Isto é indescritível”, critica, referindo por várias vezes o termo “estudos encomendados”.

Quanto a “colagem” da Anpromis a este estudo e ao risco de lhe poderem apontar o mesmo erro – já que é parte interessada –, o responsável sublinha que a Anpromis “só acompanhou uma parte” da elaboração do estudo. “Concluímos que três entidades podiam fazer o estudo e pedimos-lhes”, referiu, falando de um técnico que recusou participar, pois “disse que trabalha para tal empresa e não devia participar”.

E porque haverá estudos com resultados encomendados sobre biocombustíveis? “Acho que há um conjunto muito grande de interesses



Milho | Associação diz que chegou a hora de analisar “a sério” os biocombustíveis.

Jaime Silva quer concentração no sector agrícola

O ministro da Agricultura não tem dúvidas: a solução passa pela concentração da oferta. “A Confederação Nacional de Agricultores (CNA) devia pensar é porque é que os portugueses pagam pão, fruta e leite mais caros e os agricultores ganham o mesmo. Alguém está a ganhar, porque os agricultores não estão organizados, não têm oferta para negociar com os supermercados”, apontou, ontem, Jaime Silva à Lusa, depois de “confrontado” com os protestos da CNA. “A resposta para o aumento do preço dos combustíveis é dizer aos agricultores que se unam e aprendam a negociar preços”.

O ministro esteve ontem na Cov-

lhã, numa visita à fábrica de preparados de fruta Frulact, empresa que exporta 90% da sua produção anual. “Tomáramos nós ter mais ‘Frulacts’ pelo País”, referiu Jaime Silva, aproveitando para sublinhar que o futuro da agricultura em Portugal depende da agro-indústria e da capacidade dos produtores se unirem e “aprenderem a negociar preços”.

O responsável ainda apontou à agência de notícias que “Portugal nunca teve esta aposta, de dizer que a sustentabilidade da produção primária passa por uma forte agro-indústria”, destacou. “É uma nova procura para os produtores agrícolas, que acrescenta valor a esses produtos

e depois, ao exportar, devolve riqueza a todo o País”.

Jaime Silva salientou também que “este é um conceito que nunca esteve subjacente a programas anteriores, mas, agora, é condição fundamental para ser classificado como projecto de interesse relevante, com apoios financeiros majorados”.

Ainda sobre os protestos do sector, que incluem um caderno de exigências, o responsável afirmou que “os portugueses não iam compreender que, para além de pagarem tudo mais caro, ainda tivessem que sustentar mais subsídios aos agricultores, quando o problema se resolve com concentração da oferta”.

102
Mil hectares

Em 1991 eram 215 mil ha dedicados ao milho. Em 2006 eram já 102 mil.

513
Mil toneladas

Foi a produção de milho registada pelo INE no ano de 2006.

4.996
Produtividade

Cada hectare deu 4,9 mil quilos em 2006. Menos 12% face a 2002.

40
Mil produtores

A Anpromis aponta para a existência de 40 mil produtores em Portugal.

que são postos em causa”, diz, apontando o dedo “às empresas de energia tradicional no mundo” que “não são facilmente rebatíveis”. Mas a hora é de se ter um estudo sério, “doa a quem doer”, e a Anpromis quer a resposta “vale ou não a pena?”. E diz que nem sequer o Governo tem tentado resolver esta questão. “O Ministério [da Agricultura] não tem ninguém a pensar sobre o assunto”, critica.

“É difícil manter um contacto permanente com Jaime Silva. É inteligente, mas, no fundo não sabe de agricultura, apesar de conhecer as fraquezas humanas”, diz Vasconcellos e Sousa. “Ele diz que os cereais são os mais apoiados, mas nunca diz que não é ele que os apoia, e sim o dinheiro de Bruxelas”.

Preço compensa subida de custos, mas...

“Neste momento, está a compensar”, responde o líder da Anpromis sobre se a subida dos preços do milho está acima do aumento nos custos com adubos ou combustíveis. Porém, avverte, “quando o milho cair, os factores de produção não vão cair na mesma amplitude”.

Este responsável vê um risco grave no excesso de concentrações “a montante e a jusante” do agricultor – “há poucos fornecedores, nos fertilizantes é quase só uma, nas sementes são duas ou três... até nos tractores!” – que “tem uma capacidade negocial cada vez menor”. E este excesso de liberalismo, como o apelida, poderá resultar em que “em dez anos não haja ninguém no sector” da agricultura em geral.

A resposta só pode passar pela concentração da oferta, mas, com 40 mil produtores de milho profissionais e 400 mil agricultores no geral, será um movimento complicado de concretizar, vaticina.

O ministro, aliás, aproveitou ainda para sublinhar que a discriminação positiva para o sector agrícola já existe, tendo dado como exemplo o facto dos agricultores “pagarem menos 30% pelo gasóleo que qualquer cidadão” e de 105 mil agricultores já terem recebido indemnizações compensatórias “que este Governo subiu de 150 para 300 euros”.

Actualmente, Governo e confederação do sector agrícola discutem eventuais medidas para ajudar os agricultores a atravessar a crise dos combustíveis. Entre as exigências do sector está o alargamento do gasóleo agrícola aos seus carros particulares.



Os portugueses não iam compreender se, além de pagarem tudo mais caro, ainda tivessem que sustentar mais os agricultores.

Jaime Silva

Ministro da Agricultura

FPC